

Na Escola da Adversidade

David Kingdon

A pesar do fato de que Deus estava com José na prisão e de que “estendeu sobre ele a sua benignidade, e deu-lhe graça aos olhos do carcereiro-mor” (Gênesis 39:21), não obstante, no cárcere do Faraó José estava na escola da adversidade. Não só estava sofrendo por um mal que não tinha feito, mas esteve ali por um período de anos. Não fazia muito tempo que estava preso quando o copeiro e o padeiro do rei do Egito “pecaram contra o seu senhor, o rei do Egito”. Quanto tempo significa a expressão “depois destas coisas” (Gênesis 40:1) não sabemos. Todavia o que sabemos é que quando o copeiro lhe ficou devendo favor (40:14), esse homem ingrato esqueceu-o durante “dois anos inteiros” (41:1). No gozo da sua liberdade, não se lembrou de que José ainda estava privado da sua liberdade.

Então José ficou definhando considerável tempo na prisão. É verdade que ele tinha uma posição privilegiada, porém isso não substituía a sua falta de liberdade, nem a negação da justiça que ele tinha experimentado. Pode-se, pois, dizer acertadamente que na prisão ele estava na escola da adversidade, uma escola na qual, daquele tempo em diante, muitos cristãos têm sido postos para seu benefício espiritual. Não são eles que escolhem essa escola. Deus os envia para lá sem lhes dizer o que está no currículo nem quais lições eles vão aprender.

A história de José, nos termos em que a temos registrada neste capítulo, diz-nos efetivamente que Deus nos mantém na escola da adversidade por quanto tempo Ele próprio determina. Se isso fosse deixado para que nós decidíssemos, sairíamos dela logo que fôssemos introduzidos nela, porque nós pensamos instintivamente em termos do nosso conforto, ao passo que Deus, em Seus propósitos, visa ao nosso bem (como Ele o define!). O nosso conforto, contudo, raramente coincide com o nosso bem.

1. OS HOMENS QUE DEUS PÔS NO CAMINHO DE JOSÉ

Como foi que o copeiro e o padeiro vieram parar na prisão? Bem, por um motivo ou outro, eles tinham pecado contra “o seu senhor, o rei do Egito” (40:1). O Faraó ficara tão indignado contra eles que os tinha consignado à mesma prisão na qual José estava confinado. Não era qualquer velha prisão: era “o lugar onde os presos do rei estavam presos” (Gênesis 39:20; ver também 40:3). Exatamente como, em Sua providência, Deus tinha colocado José na prisão, assim agora traz estes dois importantes oficiais e os coloca no caminho de José. Ele é o Senhor das pessoas, bem como dos lugares.

Não é preciso que os homens conheçam Deus (como José conhecia) para que Ele os use na realização da Sua vontade. Os corações de todos estão abertos para Deus, e Ele pode movê-los para cumprirem Seus propósitos, mesmo que eles não O adorem e não O sirvam. Foi assim que Ele moveu Hirão, rei de Tiro, para fornecer madeira de almugue “para os balaústres para a casa do Senhor” (1 Reis 10:12). Igualmente moveu Artaxerxes, rei da Pérsia, para assistir a Neemias na reconstrução de Jerusalém (Neemias 2:7,8). Deus emprega homens que não O conhecem para dar cumprimento aos propósitos do Seu reino. Ele efetua os Seus propósitos utilizando os homens mais improváveis, de modo que só podemos maravilhar-nos ante Sua sabedoria. Tenhamos, pois, o cuidado de não entender mal os caminhos de Deus por causa de preconceitos contra os instrumentos que Ele usa.

Se José tivesse apenas servido bem o copeiro e o padeiro, sem dúvida seria esquecido e seu nome jamais seria mencionado para o Faraó. Contudo, embora esquecido por algum tempo (Gênesis 40:23), o nome de José foi lembrado (41:9-13). Foi lembrado porque Deus tinha dado a José a capacidade de interpretar sonhos (41:16). Essa capacidade foi demonstrada primeiro quando aqueles dois distintos presos aos seus cuidados tiveram um sonho, ambos na mesma noite (40:5), “cada sonho com a sua própria significação” (ARA), mas nenhum dos sonhos fazia qualquer sentido para os dois homens, enquanto José não os interpretou, sendo que os eventos subseqüentes provam que a sua interpretação foi exata.

O Velho Testamento registra que em muitas ocasiões Deus fez uso de sonhos para comunicar Sua Palavra e para dar a conhecer a Sua vontade. Ele falou em sonhos aos patriarcas – a escada de Jacó logo vem à mente (Gênesis 28:12-15), sonho que o nosso Senhor tinha em vista quando disse: “Vereis o céu aberto, e os anjos de Deus subirem e descerem sobre o Filho do homem” (João 1:51).

O próprio José tivera sonhos proféticos, sonhos cujo sentido era bem claro para os seus irmãos (Gênesis 37:5-9). Anos mais tarde, quando foram em busca de cereal no Egito, eles cumpriram os sonhos, inclinando-se diante do irmão que eles não queriam ver nunca mais. Lá estiveram como súditos de José, cuja autoridade “real” foi quase igual a de Faraó.

Uma cuidadosa leitura das Escrituras deixa claro que Deus fez uso de sonhos para comunicar Seu pensamento muito mais freqüentemente na era do Velho Testamento do que na do Novo. Só se podia esperar isso, antes do registro da revelação da Sua vontade que temos, agora que as Sagradas Escrituras foram completadas. Embora seja ir além do ensino explícito do Novo Testamento sustentar que Deus nunca mais usará sonhos para se fazer conhecido ou para comunicar um conhecimento da Sua vontade, não devemos procurar sonhos, e sim a Bíblia, para receber orientação e direção.

Ao falar em sonhos aos dois importantes companheiros de prisão de José, Deus mostra que os corações dos homens que não O conhecem estão, não obstante, sob o Seu governo. Todos e cada um dos corações estão abertos para Ele, e Ele imprime neles o que Lhe apraz.

Contudo, estes dois homens tiveram os sonhos que tiveram por sua relação com José, que fora destinado a ser o preservador do povo da aliança de Deus. Seus sonhos, e particularmente o do copeiro, faziam parte do drama da redenção divina em desenvolvimento. Os sonhos que eles não conseguiram entender haveriam de ser recordados quando o Faraó teve sonhos que nenhum dos seus adivinhadores e sábios pôde interpretar (Gênesis 41:8).

José foi habilitado por Deus a interpretar os sonhos do Faraó (41:25-36) e, em conseqüência, foi elevado a uma posição de grande autoridade. Olhando para o passado, ele deve ter ficado maravilhado ante as estranhas reviravoltas da providência de Deus, pois o seu caminho rumo à mão direita do Faraó vinha da casa de Potifar e passava pela prisão, à qual fora consignado injustamente. Deus colocou José num lugar que ele jamais teria escolhido, e o fez para favorecer o Seu propósito de salvar Seu povo.

Por vezes nós também experimentamos as reviravoltas da providência de Deus. Podemos, por exemplo, ser colocados num emprego para o qual não fomos treinados e do qual não gostamos, porém Deus tem ali alguém com quem Ele quer que falemos do evangelho. Como Ele fez com José, Ele coloca alguém em nosso caminho com um propósito. Como já mencionamos, Ele é o Senhor das pessoas tanto quanto dos lugares.

2. A CONDUTA DE JOSÉ

Neste capítulo há certo número de indicações da conduta piedosa de José. Está muito claro que ele punha a sua confiança em Deus (Gênesis 40:8). Embora na forma de pergunta, as palavras de José, “Não são de Deus as interpretações?”, são de fato uma declaração de sua consciente dependência de Deus. São também uma confissão de fé no único Deus verdadeiro, confissão feita a homens que acreditavam em muitos deuses.

José não se apoiava em seu próprio entendimento. Conhecendo o temor de Deus, ele contava com Deus para ter sabedoria (ver Provérbios 1:7). Por isso pôde dizer confiantemente aos dois oficiais: “Contai-me o sonho” (ARA).

Ao copeiro-mor José pôde dar boa notícia. Dentro de três dias ele seria posto em liberdade e seria restaurado à sua antiga posição (40:13). “Vendo o padeiro-mor que José tinha interpretado sabiamente...” (40:16), pediu-lhe que interpretasse o seu sonho. José só tinha má notícia para ele – dentro de três dias ele seria executado (40:18,19) – porém ele não hesitou em dar-lhe a má notícia. Ele foi tão fiel em declarar a má notícia como em declarar a boa.

José não era um falso profeta. Não procurou amaciar a má notícia de molde a torná-la mais palatável ao padeiro-mor. Diversamente dos falsos profetas do tempo de Jeremias, ele não dizia: “Paz, paz; quando não há paz” (Jeremias 6:14; 8:11). José foi fiel a Deus e ao homem.

Pois bem, supondo, dileto leitor, que lhe dissessem que você só teria três dias de vida, qual seria a sua reação? Ficaria contente em ter tempo para buscar o Senhor e preparar-se para a eternidade? Ou ficaria zangado com Deus por não ter tempo de fazer o que gostaria de fazer? Você colocaria os seus dias restantes em bom uso, arrependendo-se dos seus pecados e lançando-se aos cuidados de Cristo, o Salvador dos pecadores? Ou passaria os seus poucos e últimos dias em dissipação, como os epicureus que ensinavam aos seus seguidores isto: “Comamos e bebamos, que amanhã morreremos”?

Como o padeiro-mor passou os seus últimos dias não sabemos. Todavia sabemos que a interpretação que José fez do seu sonho estava certa (40:22) e que ele foi fiel mensageiro de Deus. Sabemos também que a Igreja hoje necessita de mensageiros fiéis, que temam mais a Deus do que às pessoas. Muitíssimos ministros falam palavras suaves porque, como um fiel secretário de igreja se expressou, foram treinados para serem diplomatas. Por isso nunca repreendem os pecados do seu povo nem o advertem da ira futura.

José compartiu nossa humanidade. Ninguém gosta de ficar na prisão, particularmente se for inocente. Por isso José *buscou um favor do copeiro-mor*. Pediu-lhe que, quando fosse restaurado ao favor real, falasse dele a Faraó, a fim de conseguir a sua libertação (40:14).

José apresenta dois motivos pelos quais o copeiro-mor lhe poderia mostrar bondade. Primeiro, porque ele tinha sido “roubado da terra dos hebreus”, e fora vendido para a escravidão (40:15). Aqui José apela para o sentimento de piedade.

Segundo, José assinala que é inocente da acusação feita contra ele. Ele não deveria estar na prisão: “Tampouco aqui nada tenho feito para que me pusessem nesta cova”. Aqui José apela para o senso de justiça do copeiro-mor. Não há dúvida de que ele achava que tinha uma causa forte, e que o oficial bem poderia conseguir a sua libertação.

Se foi assim, *José experimentou decepção* (40:23). Gozando sua própria liberdade, o copeiro-mor “não se lembrou de José, antes se esqueceu dele”. Que notável exemplo de ingratidão!

O oficial deveria estar profundamente agradecido, entretanto em sua própria alegria por ter sido libertado e restaurado ao favor do rei, esqueceu José durante “dois anos inteiros” (Gênesis 41:1). Só se lembrou dele quando houve uma crise na corte – quando ninguém pôde interpretar os sonhos do Faraó (Gênesis 40:8).

Quanta confiança José depositou no copeiro-mor não nos é dito. Uma coisa é certa, e é esta – muitas vezes as pessoas se revelam canas quebradas. Elas fazem promessas que não cumprem. Acabam sendo completamente indignas de confiança. Assim foi que José experimentou decepção e provavelmente ficou deprimido por algum tempo. Essa esperança de libertação se elevava só para ser posta abaixo quando os dias se tornaram anos.

Contudo, Deus estava com ele (Gênesis 39:23), o Deus da aliança, o Ser absolutamente fiel que prometeu nunca deixar nem desamparar o Seu povo (Hebreus 13:5). E muitas vezes Deus prova a Sua fidelidade para conosco contra o pano de fundo da ingratidão e da infidelidade dos homens.

Se as usarmos direito, as decepções da vida nos aproximarão mais de Deus. É então que descobrimos a doce consolação que há em descansar nEle. Aprendemos a sabedoria de sujeitar-nos à Sua vontade. José seria libertado, mas no tempo de Deus, não no dele.

3. VIRTUDES APRENDIDAS NA ESCOLA DA ADVERSIDADE

Existem algumas virtudes que são aprendidas mais adequadamente na escola da adversidade. Na verdade, raramente são aprendidas fora dela. Primeiro, *a submissão à vontade de Deus*.

De um ponto de vista, José sabia por que estava na prisão. Estava lá por causa das falsas acusações de uma mulher imoral, acusações que foram aceitas. Mas, por que Deus permitiu que ele fosse aprisionado e qual era Seu propósito, José não sabia. Contudo, olhando para trás, para o tempo em que estava na prisão, José pôde ver que estar na escola da adversidade fazia parte do bom propósito de Deus (Gênesis 50:20).

Sua experiência não foi agradável, porém certamente ele aprendeu a sujeitar-se à vontade de Deus. Essa é uma das lições mais difíceis de aprender na vida cristã, especialmente quando, como aconteceu com José, estamos numa situação não escolhida por nós e da qual ansiamos desesperadamente ser livres.

Nós tornaremos a submissão a Deus mais difícil se insistirmos em avaliar as nossas circunstâncias considerando se elas contribuem ou não para a nossa felicidade ou para o nosso conforto. Se julgarmos as coisas por esse tipo de consideração quando estivermos na escola da adversidade, uma coisa é certa: nós nos rebelaremos, em vez de nos submetemos à vontade de Deus.

Mas, se formos persuadidos pelas Escrituras e tivermos sua verdade estabelecida em nossos corações, a verdade que nos garante que Deus *sempre* age para o nosso bem (Romanos 8:28), então nos inclinaremos à vontade de Deus, pois a Sua vontade é Santa, sábia e boa.

É *santa* porque, embora use atos de malfeitores, nunca se compromete com o pecado. É *sábia*, mesmo quando não a entendemos. É *boa* quando, como aconteceu com José, não podemos ver que possível bem poderá provir das nossas circunstâncias particulares. Quando temos esse conceito da vontade de Deus, aprendemos a render-nos a Ele, e vemos que a Sua vontade é “boa, agradável e perfeita” (Romanos 12:2).

Há grande benefício em sermos mantidos em submissão à vontade de Deus. Se realmente nos submetemos de coração, seremos libertados da ira que

surge quando, como tão facilmente fazemos, questionamos o direito que Deus tem de colocar-nos na escola da adversidade. Ao contrário, ao submeter-nos, vemos que, como diz Dante, “Em Sua vontade está a nossa paz”.

A submissão nem sempre é instantânea. Muitas vezes resulta do que pode ser uma luta feroz e prolongada. A agonia do nosso Senhor no Jardim de Getsêmani dá testemunho disso (ver Mateus 26:36-43).

Outra virtude que se aprende na escola da adversidade é a *paciente espera pela libertação operada por Deus*. Como José deve ter ansiado por sua libertação depois que foi dada liberdade ao copeiro! Quanto ele deve ter esperado que o oficial cumprisse a sua promessa e intercedesse por ele junto ao Faraó! Mas, com o passar dos dias – dois anos inteiros de fato – José se limitou a esperar que Deus agisse. Semelhante ao salmista, ele teve que esperar pacientemente que Deus o libertasse (Salmos 40:1-3).

Ainda há outra virtude que se aprende na escola da adversidade. É *descansar unicamente em Deus*, sem qualquer conforto vindo de criaturas e sem a ajuda de amigos. José sem dúvida passou a descansar unicamente em Deus. Certamente foi o que Davi fez. Ele declarou:

*A minha alma espera somente em Deus;
dEle vem a minha salvação.
Só ele é a minha rocha e a minha salvação;
é a minha defesa.
Não serei grandemente abalado. (Salmos 62:1,2).*

A escola da adversidade não é algo que nós mesmos escolhemos. Deus nos manda para ela. Ele enviou José a ela, e determinou quando sairia de lá. José emergiu do tempo que passou na escola da adversidade humilhado e enriquecido. E assim pode ser conosco.

Fonte: *Caminhos Misteriosos*, cap. 3, Editora PES, 2005.